

O Colégio Diocesano Santa Margarida, aspectos da Educação Feminina de uma Escola Anglicana na cidade de Pelotas

Alessandro Carvalho Bica¹

Elomar Tambara²

Resumo:

O presente trabalho é resultado parcial da pesquisa *Santa Margarida: A gênese de uma escola confessional anglicana na cidade de Pelotas no século XX* em fase de desenvolvimento no curso de Mestrado da FaE/UFPEL. Este artigo tem como propósito analisar a gênese, a consolidação e a influência do papel da educação feminina para as alunas da Escola Diocesana Santa Margarida criada em Pelotas-RS em 1934, e usou como metodologia a análise documental, considerando como documentos panfletos de divulgação escolar, jornais da Igreja Episcopal Anglicana Brasileira e também materiais institucionais que narram peculiaridades da Instituição Escolar Anglicana Santa Margarida no transcorrer da década de 1930 na, cidade de Pelotas.

Introdução

No decorrer do processo de evangelização da Igreja Anglicana Brasileira no Rio Grande do Sul, se fez necessário criar programas educacionais para expansão da Igreja no Estado. Desde o início da missão anglicana, estabelecida no ano de 1891, na capital Porto Alegre e na cidade de Pelotas a partir do ano de 1892, os dirigentes da comunidade anglicana se empenharam em criar escolas dominicais.³

Havia boas razões para se criarem centros educacionais ligados ao espírito e à doutrina anglicana, entre elas, a constatação de que os filhos dos membros da Igreja Anglicana ao receberem influências de outros princípios religiosos em estabelecimentos educacionais não-anglicanos, acabavam por se distanciar da doutrina seguida por seus pais.

¹ Aluno do curso de Mestrado em Educação da FaE/UFPEL, orientando do Professor Dr. Elomar Tambara, linha de História da Educação, e integrante do grupo de pesquisadores do CEIHE (Centro de Estudos em História da Educação).

² Professor Orientador do projeto de pesquisa.

³ No decorrer do processo de expansão da Igreja Episcopal Anglicana no Rio Grande do Sul foi comum a criação de escolas anexas às igrejas. Na maioria das vezes estas funcionavam como escolas de catecismo, onde as crianças e iniciantes conheciam: o Credo, o Pai Nosso, os Mandamentos, o Livro de Oração

Com as escolas, os dirigentes anglicanos pretendiam formar as bases para a propagação dos valores espirituais da confissão anglicana no Brasil, isto é, delegar aos jovens os trabalhos futuros da Igreja, criar ministérios religiosos para formar um quadro de professores de ensino (reverendos), estimular o processo de evangelização e colaborar para o aumento do número de fiéis e membros da Igreja. Estas razões se tornaram as primeiras ações da comunidade anglicana para a continuidade da sua tradição religiosa no Brasil.

A criação de escolas paroquiais e/ou dominicais foram as primeiras ações religiosas-educacionais promovidas pela Igreja Anglicana no Estado do Rio Grande do Sul. Nestas escolas os jovens deveriam pautar-se pelos padrões morais e religiosos da Igreja. No momento da criação dessas escolas os dirigentes anglicanos perceberam que somente seria possível uma plena evangelização se houvesse a possibilidade da criação de internatos, pois a influência do meio externo prejudicaria a formação e a evangelização desejada aos jovens. (Krischke, 1949)

Segundo Kickhöfel, reverendo e historiador da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, a atuação da Igreja no campo religioso-educacional incluía dois importantes imperativos: o pastoral e o missionário.

A primeira tentativa no campo religioso-educacional no Rio Grande do Sul foi a criação do Colégio Kinsolving, em 1912, na cidade de Santana de Livramento, por intermédio do Reverendo João Mozart de Mello. Neste mesmo ano, fundou-se a Escola Diocesana, por ação do Bispo Americano William M. M. Thomas, na cidade de Porto Alegre, que se destinava a atender os filhos dos membros da Igreja e também de outras religiões. A Escola Diocesana foi transformada, em 1916, no Colégio Cruzeiro do Sul.(Kickhöfel, 1995)

Nesta época todas as decisões da Igreja Episcopal Anglicana Brasileira referentes à condução das ações missionárias no Brasil, como a criação de instituições escolares e programas educacionais, eram discutidas e planejadas dentro dos Concílios Episcopais realizados pela Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, mas gerenciados pela Igreja Episcopal Anglicana Americana. Faz-se necessário observar que a maioria dos reverendos anglicanos formados na década de 1920 estudaram no Colégio Cruzeiro do Sul, na cidade de Porto Alegre.

Na cidade de Bagé, também foi criada uma Instituição de Ensino no ano de 1933, com recursos próprios da Igreja, por iniciativa do Reverendo Athalício T. Pithan, que era pároco da Igreja do Crucificado, da cidade de Bagé. Esta escola tinha como objetivo oferecer os cursos primário, secundário e comerciais à população da cidade. (Kickhöfel, 1995, p.134).

Considera-se, então, que o processo de criação da Escola Diocesana Santa Margarida em Pelotas em 1934, faça parte de um amplo projeto dos dirigentes e da comunidade anglicana em promover a evangelização, além da possibilidade de elevar o número de fiéis de sua religião nesta cidade.

Uma observação importante a ser feita é que o empenho da comunidade anglicana pelotense para seu projeto educacional tenha suas raízes ainda na década de 1920, mais precisamente no ano de 1925, com a criação do “Comitê Pró-Liberdade de Consciência”. Esse comitê aglutinava interesses de diversas religiões não-romanas, de várias instituições religiosas e também da Maçonaria. Possuía como objetivos opor-se à atuação católica no campo educacional e também às propostas da oficialização do ensino religioso nas escolas públicas.

Afirma-se então que a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil teve uma estreita relação com as discussões promovidas em relação aos debates religiosos educacionais no Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul e de modo especial na cidade de Pelotas.⁴

Todos esses aspectos possibilitam o entendimento da razão de que, no ano de 1931, o Bispo Anglicano William M. M. Thomas tenha escrito um artigo para o 33º Concílio da Igreja Episcopal Brasileira em desaprovação ao decreto de incorporação do Ensino Religioso facultativo Católico Romano nas escolas públicas pelo Governo Provisório de Getúlio Vargas: “[...] Queremos que os alunos de todas as instituições de instrução no paiz estudem numa atmosphaera religiosa, afim de que a sua fé se conserve e se enraize. [...] Administrar um tal ensino de maneira quasi obrigatoria,

KICKHÔFEL (1995)

⁴ Sobre o empenho da comunidade anglicana de Pelotas no que tange a prática da liberdade religiosa nas escolas públicas brasileiras e a ação do Comitê Pró-Liberdade de Consciência na cidade de Pelotas, consultar BICA & TAMBARA (2004) e sobre a ação da Maçonaria no campo educacional na cidade de Pelotas, ver AMARAL (1993).

*ainda que constitucional, seria, do ponto de vista do aluno, inconstitucional, pois seria o caso da liberdade garantida e tolhida pelo mesmo instrumento”*⁵.

É importante lembrar que o quadro político estabelecido com a “vitória” da Revolução de 1930 com Getúlio Vargas, trouxe uma série de mudanças como a perda da vigência da Constituição de 1891, a censura à imprensa, a troca de governadores estaduais por interventores federais, a criação de novos ministérios, além de uma farta legislação por parte do executivo⁶.

No entanto a mudança que causou espanto ao grupo dos “liberais” e aos dirigentes anglicanos que defendiam a liberdade de consciência foi o fato da aproximação empreendida por Getúlio Vargas ao grupo ultramontano da Igreja Católica Romana, defendendo o Ensino religioso facultativo nas escolas públicas e contradizendo seus fervorosos discursos por ocasião da revisão constitucional de 1925, quando Getúlio Vargas, então Deputado Federal do Partido Republicano Riograndense defendeu a liberdade de consciência entre todas as crenças.

Obviamente, as mudanças ocorridas no transcorrer da década de 1920, provocaram um esfacelamento dos alicerces da República. Como afirma Iglesias: “Tem-se pois de 1920 a 1930 uma verdadeira tentativa de ruptura com o passado no que ele tem de anacrônico, obsoleto, não com o passado criativo que deu marcas notáveis ao século XX”, essas mudanças possibilitaram uma atuação mais forte pelos dirigentes anglicanos no campo educacional com a criação de colégios paroquiais e diocesanos.

Enfim, essas novas instituições-educacionais anglicanas constituíam uma fonte riquíssima de ensinamentos cristãos que ajudavam a Igreja Anglicana a desenvolver os trabalhos missionários de evangelização no Brasil, além de se tornarem uma nova fonte de renda para a Igreja, pois as verbas para a manutenção da Igreja e de seus reverendos ficavam a mercê das contribuições dos membros da comunidade anglicana e da Igreja Episcopal Americana. (Kickhöfel, 1995)

⁵ Atas do 33º Concílio da Igreja Episcopal Brasileira, realizado na cidade de Pelotas, no ano de 1931. Nas notas de jornais e materiais institucionais utilizados na elaboração deste artigo não foram corrigidos os termos e palavras que diferem da língua portuguesa atual. Esta ação pretende dar ao leitor uma maior aproximação com a linguagem escrita usada na referida época

⁶ Sobre o quadro inaugurado pela Revolução de 1930, ver IGLESIAS (1993).

A Instituição Escolar Santa Margarida

O projeto de criação da Escola Diocesana Santa Margarida pode também ser entendido como uma tentativa dos dirigentes anglicanos em “neutralizar” o Decreto Federal do governo Provisório de Getúlio Vargas⁷, que apenas formatava as escolas oficiais ou públicas, mas nada argumentava sobre as escolas privadas.

As preocupações suscitadas pelo Decreto Federal aliadas as motivações evangelizadoras dos dirigentes anglicanos serviram de razão para a criação da Escola Diocesana Santa Margarida. Verifica-se, no início da década de 1930, a opção por disputar na área educacional com a criação de uma instituição escolar com específica orientação anglicana. É possível constatar tal afirmação no artigo **“A Questão Religiosa”**, escrito pelo Bispo Anglicano William M. M. Thomas:

“[...] Outras igrejas também contribuem com o seu quinhão, fornecendo homens, dinheiro e ideias em prol dum bom governo e duma pura e sã religião. [...] *É nosso ideal que os collegios e as demais instituições funcionem sob a influencia dos ensinamentos de Christo. Quão melhor não seria se todo o professor fosse crente fervoroso e christão praticante!* (grifo nosso) Desejariamos que os nossos estadistas e políticos também fossem discípulos professos de Jesus, o Redemptor, e que todos os seus estivessem de accordo com a mais pura ethica christã.” (Atas do 33º Concílio da Igreja Episcopal Brasileira, 1931: p. 35-36)

Conclui-se a partir da análise do referido artigo, que mesmo existindo uma legislação que apoiasse o ensino religioso facultativo nas escolas oficiais, os dirigentes anglicanos entendiam que as instituições de ensino privadas poderiam escolher a sua inclinação religiosa, a legislação sobre o ensino religioso foi uma questão bastante controvertida e gerou uma série de acentuados debates, sobre a questão do ensino religioso facultativo nas escolas públicas, Fernando de Azevedo faz a seguinte análise: [...] O decreto do Governo Provisório, instituindo nas escolas oficiais o ensino religioso facultativo, que fazia parte integrante e fundamental das reivindicações católicas e da política escolar da Igreja, forneceu debates longos e acirrados, [...] e os educadores católicos que tomaram posições de defesa de pontos capitais do seu programa escolar, e, especialmente, do ensino religioso nas escolas públicas [...].” (Azevedo, 1976: 171).

Na criação da Escola Diocesana Santa Margarida na cidade de Pelotas, é importante observar a notável participação do Reverendo José Severo da Silva da Igreja do

Redentor de Pelotas, na organização e planejamento da nova escola anglicana, pois já no ano de 1932, a comunidade anglicana pelotense adquiriu um terreno na área central da cidade⁸ para a construção da Escola com grande parte dos recursos provenientes da Oferta Trienal de Gratidão da Igreja e da Liga de Senhoras Norte-americanas.

As Atas do 34º Concílio da Igreja Episcopal Brasileira na seção: **Relatório da Comissão sobre o Estado da Igreja**, escrita pelo Reverendo José Severo da Silva, então secretário do Concílio, revelam as motivações religiosas e/ou evangelizadoras dos dirigentes anglicanos, na criação de uma Escola Doméstica anexa à Escola Diocesana Santa Margarida:

“ Velha aspiração de nossa amada Igreja vae tomando corpo, e será, em curto lapso de tempo, confortadora realidade. Queremos referir nos ao Collegio para Meninas. Resolvida sua localização na cidade de Pelotas, já foram adquiridos os terrenos para receber o edificio [...] Pensamos no projectado Collegio com sua Escola Domestica, por que tanto se bateu um dos membros desta Commisão. Não terá chegado a oportunidade aurea de termos nossa Escola de Donas de Casa? Falamos tanto em ‘rainhas do lar’, e gostamos de reconhecê-las, mas topamos, não raro, com rainhas sem a côroa que devia pertencer-lhes de facto e direito, pelo exercicio pleno e adequado de suas funções. [...] constitue a administração domestica verdadeira sciencia, [...]. Seu estudo carinhoso além de tornar-se um prazer, é necessidade impôr-se, tendo immediata applicação na pratica quotidiana, operando maravilhas (grifo nosso) [...] A Escola Domestica, annexa ao futuro Collegio de Meninas, será verdadeira bençã que não tardaremos a reconhecer, dando graças ao viveiro de donas de casa, devidamente preparadas para sua elevada missão”. (Atas do 34º Concílio da Igreja Episcopal Brasileira, 1932. p. 66-67)

Um aspecto importante que serve para a análise do artigo escrito pelo Reverendo Severo é a força empregada na possibilidade da criação dessa escola doméstica para meninas, pois na concepção de educação feminina da época não bastava somente “educar” intelectualmente as futuras mulheres: era necessário afirmar o estereótipo criado sobre o ser mulher (mãe-esposa-dona-de-casa), pois o espaço da mulher ainda

⁷ O Decreto Federal do Governo Provisório de Getúlio Vargas a que faz referência o texto é o de n.º 19.941 de 30 de abril de 1931, que instituía nos cursos primário, secundário e normal o ensino religioso facultativo, sendo dispensados os alunos cujos pais ou tutores que o requeressem no ato da matrícula.

⁸ Os dois terrenos adquiridos pela Igreja Episcopal Anglicana do Brasil foram transferidos ao Reverendo José Severo da Silva (procurador da Igreja), sendo o primeiro de propriedade do Dr. Joaquim Luiz Osório, que localiza-se na antiga rua General Vitorino (atual Padre José de Anchieta), entre as ruas Sete de Abril (atual Imperador D. Pedro II) e 3 de Maio e o segundo, de propriedade de Felipe José Mechereffe localizado também na rua General Vitorino com fundos para a rua Félix da Cunha, pelo valor de cr\$ 86.000,000 e de cr\$ 25.000,00, respectivamente, totalizando um valor de cr\$ 111.000,000. (Registro de Imóveis 1º Ofício. Folha 292, Livro n.º 3A, n.º de ordem 3346 de 10 de junho de 1932. Pelotas: RS).

reservava-se à casa. Sendo ela qualificada como ‘rainha do lar’ era importante que a sua ‘coroa’ fosse preenchida com as ciências cotidianas dos afazeres domésticos.

A Escola Diocesana Santa Margarida foi inaugurada⁹ em março do ano de 1934, em sessão presidida pelo Bispo William Mathew Merrick Thomas¹⁰, contando com a presença dos membros do Conselho Consultivo da Escola¹¹, o Reverendo José Severo da Silva (Presidente), Horaida Duval da Silva (Membro da Sociedade Auxiliadora de Senhoras), Lili Krentel Frelechoux (Secretária), o Reverendo Carlos H. Clemente Sergel (Tesoureiro) e Hedy Sergel (Diretora).

O corpo docente da escola era pequeno e composto pelas professoras Gladys Tweedie, Cândida Rocha Leão, Maria José Lopes Custódio e uma professora auxiliar. O número de alunas perfazia um total de 44 alunas, das quais 14 no Jardim de Infância, 24 no Curso Elementar, 1 aluna no Curso Secundário e 5 alunas particulares. A Escola tinha como lema a expressão em Latim: “Domine, dirige nos”¹².

Sobre a inauguração da Escola Santa Margarida é possível encontrar referências nas Atas do 36º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, destacando a importância e a necessidade da instrução religiosa para meninas, seja ela no curso colegial como também no curso ginásial, pois só assim os princípios do cristianismo ganhariam forma entre as jovens da igreja como também na sociedade Brasileira.(Atas do Concílio, 1934. Pag.61)

Percebe-se que desde o momento do projeto de elaboração da Escola Diocesana Santa Margarida esteve fortemente presente o discurso da Igreja Episcopal Anglicana, Essa constatação pode ser feita também se observarmos a edição do jornal Estandarte

⁹ A Escola Diocesana Santa Margarida funcionou nos seus dois primeiros anos em uma casa alugada na rua Santa Cruz, n.º 172, distante alguns quarteirões da Igreja do Redentor e também aos terrenos adquiridos pela Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

¹⁰ O Bispo Americano William M. M. Thomas foi o segundo Bispo da Igreja Episcopal Anglicana no Brasil, tendo seu bispado começado em 1925 e terminado em 1940, e tendo sido substituído pelo Bispo Athalício Theodoro Pithan, primeiro Bispo brasileiro da Igreja Anglicana, que permaneceu no cargo até 1955.

¹¹ O Conselho Consultivo da Escola Santa Margarida reuniu-se pela primeira vez em 24 de abril de 1934 e tinha como critérios específicos até a emancipação da Igreja no Estado: resolver assuntos relativos à escolha da direção da Escola; examinar o programa geral de estudos adotado pela diretora da Escola; aprovar a execução de construções na Escola dentro dos recursos financeiros disponíveis pela Igreja; além de examinar o balancete anual apresentado pelo tesoureiro da escola. Após a emancipação da Igreja no Estado, tinha como funções: Escolher a diretora da Escola, com o conselho e consentimento do Bispo e examinar e aprovar o orçamento da Escola.

¹² O significado da expressão latina, pode ser compreendida como: “*Senhor, dirige-nos*”, e é usado ainda hoje pela escola em sua bandeira e nos símbolos internos da Instituição Escolar.

Cristão¹³ de 15 de janeiro de 1934 e o panfleto informativo da escola do ano de 1940, quando estes fazem referência à escolha do nome da Instituição Escolar pela comunidade anglicana:

“O nome do collegio nos traz à memoria uma crente fiel do seculo terceiro da era christan. Durante a perseguição dioclesiana, ella, mocinha ainda, preferiu seguir a Christo, deixando a sua luz brilhar nas trevas do paganismo, fiel até a morte, e assim conquistou a ‘coroa da vida’ ”. (Jornal Estandarte Cristão de 15 de janeiro de 1934).

“Dando o nome de Santa Margarida a sua escola diocesana para meninas, a Igreja Episcopal Brasileira presta delicada homenagem à memória da donzela de Antioquia de Pisidia [...]. O célebre pintor Rafael fez um lindo quadro, que representa Margarida no cárcere, a calcar com o pé um grande dragão, símbolo da tentação. Margarida, do latim ‘Margarita’, significa perola, pedra preciosa”. (panfleto informativo da escola do ano de 1940).

A partir da leitura dessas duas notícias, compreende-se que a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil ao criar a Escola Diocesana Santa Margarida planejasse incutir nas suas alunas uma inserção mais efetiva na sociedade e construir nessas meninas um perfil de educadora e formadora das futuras gerações da Igreja através da educação feminina da escola.

O Jornal Estandarte Cristão ainda na edição de 15 de janeiro de 1934 comenta sobre a infra-estrutura e os aspectos didáticos-pedagógicos e também sobre o ideal e a filosofia cristã da escola:

“Tanto as aulas como os dormitorios são bem arejados. Arvores frondosas, jardim e quintal espaçosos facilitarão a gymnastica e os jogos ao ar livre. Crianças de 3 a 6 anos de idade serão ensinadas pelos methodos modernos do Jardim de Infancia. O estudo pratico de inglez fará parte de todas as aulas. Ensinar-se-ão tambem sciencias domesticas em seus varios ramos [...]. *O ideal do novo collegio é incutir nas alumnas o espírito tanto de Maria como de Martha, cujo lar tantas vezes hospedou o Divino Mestre. Fazemos votos por que as moças que sahirem do Collegio “Santa Margarida” sejam donas de futuros lares christãos*”. (Grifo nosso).

A preocupação dos dirigentes anglicanos da escola em demonstrar o seu projeto de ensino às alunas, tendo em vista o ideal cristão da escola, pode ser apreendida através

¹³ O Jornal Estandarte Cristão é uma publicação oficial da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, fundado em 1893, e editado a partir de 1929 pela imprensa episcopal com sede na cidade de Pelotas, que a partir desta data passou a ter como Diretor-Gerente o Reverendo José Severo da Silva.

da análise da passagem bíblica¹⁴ narrada pelo Jornal, em que por analogia propõe que as alunas do Colégio Santa Margarida ao ingressarem na escola aprenderiam distinguir as virtudes femininas que seriam ensinadas, e, conseqüentemente absorveriam com sabedoria eventuais sentimentos dicotômicos entre os seus interesses materiais e os seus interesses espirituais, isto é as alunas “margaridenses” deveriam saber conciliar os seus afazeres domésticos e públicos com as suas práticas religiosas.

A conjugação das duas “virtudes” margaridenses também pode ser observada quando percebemos que as alunas da Escola Santa Margarida recebiam uma Oração que deveria ser proferida ao iniciar do dia letivo: “*DIRIGE NOS, ó Senhor, em todas as nossas ações com teu graciosíssimo favor, e ajuda-nos com teu continuo auxílio, afim de que, em todas as nossas ações começadas, continuadas e terminadas em ti, glorifiquemos o teu santo Nome, e, finalmente, por tua misericórdia, obtenhamos a vida eterna, meditante Jesus Cristo, nosso Senhor. Amem.*”¹⁵

É compreensível que o ideal cristão e o caráter do ensino da Escola Diocesana Santa Margarida fosse dar visibilidade ao estereótipo do “ser mulher”, numa espécie de transfiguração do corpo e do espírito dessas meninas, como se pudessem dividir seu corpo e espírito em duas partes, sendo a primeiro deles destinado ao ser ‘rainha do lar’ (Martha) e a segundo ao ser ‘rainha do céu’ (Maria) numa referência à identidade pública e privada da mulher contemporânea.

No discurso dos dirigentes da Igreja Anglicana percebe-se uma intencionalidade em comunicar o vigor moral da Escola Diocesana Santa Margarida recém-estabelecida na cidade de Pelotas. Sobre o uso da linguagem, o simbolismo e a peculiaridade na forma de exprimir as idéias, Burke comenta: “*A linguagem é, como o consumo, um meio utilizado por alguns grupos sociais para se distinguirem dos outros*”. (Burke, 2002, p.135).

¹⁴ Sobre o ideal cristão da escola, a notícia do Jornal faz referência a uma passagem bíblica do Novo Testamento: “[...]. E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou Jesus numa aldeia; e certa mulher, por nome de Marta, o recebeu em sua casa; tinha uma irmã chamada Maria, a qual assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços; e aproximando-se disse: Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe que me ajude. E respondendo Jesus, disse-lhe: **Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; E Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada**”.(grifo nosso) (Lucas, 10: 38-42).

¹⁵ Documento institucional encontrado nos arquivos do Colégio Santa Margarida, onde constam algumas orações proferidas pelas alunas, por ordem: Oração do Colégio, Meditação para Manhã, Resolução Matutina, Litania Noturna e Um Pensamento para esta Noite.

A Escola Anglicana Santa Margarida buscava também trazer para a comunidade pelotense uma inovação: o uso da carteira individual¹⁶ de acordo com os preceitos da pedagogia moderna. Como ressalta o Jornal Estandarte Cristão de 15 de janeiro de 1935:

“O edificio actual só poderá receber um número limitado, pois que visamos o bem-estar de todas; *cada alumna occupa a moderna “carteira individual”*. (grifo nosso) [...] Quando o bello edificio novo, em que esperamos instalar-nos dentro de um anno, abrir suas portas, poderemos dar as boas vindas a um grande numero de meninas”.

Percebe-se a tentativa de ligação entre os discursos cristãos e os discursos pedagógicos da Escola Santa Margarida quando acontece o ato de lançamento da pedra fundamental do novo prédio da escola, em 30 de outubro de 1935. O jornal Estandarte Cristão traz o discurso do Reverendo Athalício Pithan, do qual tiramos os seguintes fragmentos, sobre a proposta da escola e a sua aproximação com a Pedagogia Moderna:

“[...] Com os novos methodos de educação progressiva, escola activa, socializante podemos ainda cultuar o passado, fazer que o discipulo busque voluntariamente conhecer o trabalho, o heroismo, os sacrificios, a abnegação e as glorias de nossos ancestrais. [...] Longe iríamos se pretendêssemos citar todos os educadores illustres que vem desde os tempos do velho Egypto, onde a cultura foi grandemente disseminada, até os tempos modernos, [...] O grande traço característico da educação moderna é o espirito de liberdade que a preside. [...] Educar não significa apenas transmitir conhecimentos úteis, mas, sobretudo incutir no espirito do alumno a confiança em si mesmo”.

Ao fazermos a análise do discurso inaugural da Escola Diocesana Santa Margarida, é possível notar que o Reverendo faz referências ao espírito de liberdade que irá conduzir a Escola, possibilitando uma aproximação com o pensamento de Dewey, quando ele afirma que: “ Se a ninguém se pode dizer como deverá respirar ou fazer o sangue circular, também não lhe pode dizer, de maneira exata, como deverá pensar.” (Dewey, 1959: p.13)

O caráter ideológico e doutrinário da escola, pode ser apropriado no seguinte fragmento da mesma notícia de 30 de janeiro de 1935, do jornal Estandarte Cristão:

¹⁶ A carteira individual era uma novidade pedagógica introduzida no Brasil a partir do início do século XX, que tinha por objetivo dar mais conforto e individualidade aos alunos das escolas que usavam este novo instrumento pedagógico.

“[...] a Igreja Episcopal Brasileira lança a pedra fundamental do novo *Collegio Santa Margarida, destinado á educação de nossas filhas, sob a égide da doutrina de Jesus*. (grifo nosso) [...] Pois aqui vamos erguer uma fonte de luz! Luz para a intelligencia, luz para a alma. *Daqui queremos que nossas filhas saiam para lides e as responsabilidades dum lar, levando com ellas, não as idéas fúteis do mundo, mas a noção clara do dever*.(grifo nosso) Fonte de inspiração e de fé, o Collegio Santa Margarida era a necessidade que se impunha, era a lacuna que se notava. Agora, essa necessidade se satisfaz, essa lacuna se preenche.”

Constata-se que na criação da Escola Diocesana Santa Margarida, a Igreja Episcopal Anglicana Brasileira, tem a intenção da ligação entre os aspectos da educação religiosa-cristã e os aspectos da pedagogia moderna, levando as suas alunas a criarem hábitos de convivência e comportamento, bem como hábitos espirituais e perspicácia na condução de suas vidas para transformar seus espaços domésticos em verdadeiros lares cristãos e que na condução dessas atividades cotidianas ficasse clara a compreensão da tarefa cumprida por parte de suas educandas.

Ressalta-se, portanto, que a preocupação dos dirigentes do Colégio Santa Margarida era promover uma educação baseada em conceitos “modernos”, porém ligados aos preceitos éticos, religiosos e cristãos tradicionalmente pregados pela Igreja Episcopal Anglicana Brasileira.

O programa proposto pela Igreja Episcopal Anglicana para o ato de inauguração da Escola Santa Margarida serve de análise para compreender a finalidade da educação das meninas, pois era composto de oito momentos: I – Invocação; II – Leitura do livro de Provérbios, do qual retiramos os seguintes excertos: “[..] *Eduque o jovem no caminho a seguir, e até a velhice ele não se desviará.*”, e “[...] *Vou instruir você hoje, para que em Deus esteja a sua confiança [...]*”¹⁷; III – Entrega do Colégio à Igreja Episcopal Brasileira; IV – Discurso do Orador Oficial; V – Apresentação da Bandeira do Colégio; VI – Alocução do Bispo Primaz Anglicano; VII – Benção Apostólica e VIII - o Hino Nacional, cantado pelas alunas margaridenses.¹⁸

As questões relativas à pedagogia moderna e religiosa-cristã proposta pela Escola Santa Margarida ficam evidentes quando analisamos o discurso do Reverendo Orlando

¹⁷ O Provérbio referido no texto pode ser encontrado na íntegra no capítulo 22, versículo de 1-6 e 17-21 da Bíblia Sagrada.

¹⁸ No ano de 1936, a Escola Santa Margarida possuía um quadro docente de 16 professoras, tendo um total de 164 alunas, divididas entre o Jardim de Infância, o Ensino Elementar, o Ensino Secundário e as Classes Particulares de Línguas, além de cursos de Música, Ginástica, Datilografia e Taquigrafia.

Baptista, diretor do Ginásio Cruzeiro do Sul, de Porto Alegre, por ocasião da inauguração do novo prédio da escola em 26 de julho de 1936:

“[...] *Aqui não terá guarida a velha idea que fazia da escola uma casa de correcção nem as concepções antiquadas respeito ás possibilidades da mentalidade infantil*, como si houvesse um índice para homens e outro especialmente feito para as mulheres. Ellas já deram e estão dando provas de sobejo de sua capacidade productiva para que se repilla energicamente qualquer asserção menos digna que por ventura ainda se ouça. *Não o Collegio Santa Margarida vae preparar mulheres que sejam capazes de se desempenhar bem, galhardamente mesmo, seja qual for o seu papel na sociedade, seja qual for a situação em que se encontrem na vida.*(grifo nosso) [...]”

Observa-se que no discurso do Reverendo Orlando Baptista é feita uma referência direta aos procedimentos pedagógicos que seriam usados no Colégio Santa Margarida, e que esta nova instituição de ensino formaria mulheres esclarecidas e conscientes de sua situação, capazes de ocupar posições públicas que até então eram reservadas somente aos homens.

Outra análise importante de ser feita é o fato que a Instituição de Ensino Santa Margarida pretendia preparar suas alunas para serem cidadãs ativas da sociedade, independentemente de viverem numa sociedade predominantemente ligada a preceitos masculinos de convivência e poder, bem como motivar a criação de habilidades e/ou capacidades para essas meninas ocuparem qualquer função na sociedade, possibilitando o enfrentamento de quaisquer adversidades que se colocassem à sua frente no decorrer de suas vidas, além de promover o desenvolvimento intelectual, humano e cultural de suas alunas.

Os panfletos informativos escolares também referendam a proposta pedagógica desta Instituição Escolar, como o do ano de 1936, que afirma: *O alvo deste colégio é proporcionar às alunas educação moral, intelectual, física e econômica além de criar o desejo de praticar a justiça, amar a beneficencia e andar humildes com Deus.*

Ainda sobre a aproximação do discurso cristão com o discurso da pedagogia moderna, encontramos no Relatório do Colégio Santa Margarida proposto ao 39º Concílio da Igreja Episcopal Brasileira, a seguinte referência:

“[...] A lampada accesa, nosso symbolo, fala do serviço consagrado e da promptidão. – que as meninas, e até os pequenos do Jardim de Infancia, aprendam a prestar uma obediencia alegre, e um serviço fiel! Que o ensino criterioso, de materias primas, em conjunto com o desenvolvimento fisico, pelos jogos ao ar livre, e o altruismo, no seio das bandeirantes e da vida intima, preparem futuras

mães e servas abençoadas, na seara do Mestre, nesta grande Patria Brasileira, e do mundo inteiro, é o desejo do Collegio Santa Margarida.”

Nas Atas do Concílio notam-se várias referências ao desejo de ensinar meninas com espíritos “iluminados” pela luz do saber e do conhecimento e também sob os auspícios da benevolência divina e de acordo com os princípios religiosos da Igreja Episcopal Anglicana.

Nas Atas do Conselho Consultivo da Escola do ano de 1937, percebe-se que a Escola Santa Margarida procurava estar inserida dentro do quadro político, cultural e social brasileiro, quando o Reverendo José Severo da Silva revela que recebeu uma carta do Bispo William M. M. Thomas, pedindo à Escola que nos feriados nacionais evitasse colocar junto ao símbolo pátrio, bandeiras estrangeiras, tendo em vista a efervescência da política nacionalista brasileira iniciada com a Era Vargas nos anos de 1930.

No ano de 1937 também começam as discussões sobre a adequação da escola às novas leis federais, sendo que o Reverendo José Severo da Silva mostra-se favorável à adequação e à nova regulamentação do ensino pretendida pelo Estado Novo de Vargas. (Atas do Conselho Consultivo da Escola)

Segundo Xavier et alli (1994), a Constituição estabelecida com o Golpe de 1937 por Vargas, foi produzida pela tecnoburocracia de tendência fascista e imposta a toda a população brasileira, e em termos educacionais era de tendência antidemocrática, desobrigando o Estado (em níveis federais, estaduais e municipais) da manutenção e expansão do ensino público e institucionalizava o ensino pago, e nada afirmava sobre os percentuais mínimos que seriam aplicados na educação.

No início do mês de março de 1938, a Escola Diocesana Santa Margarida recebeu a autorização de funcionamento da escola pelo então Secretário da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, Sr. Aristides Bittencourt, representante do Departamento de Educação e Saúde Pública (DESP).

A partir da autorização de funcionamento da escola no ano de 1938, percebe-se a preocupação da escola em informar à comunidade anglicana pelotense, o nome do corpo docente e do quadro pessoal de sua Instituição Escolar, como noticia o Jornal Estandarte Cristão de 30 de março de 1938:

“O Collegio Santa Margarida apresenta-se com um corpo docente brilhante, entre as novas professoras encontra-se a joven e distincta irman de crença senhorinha Anna Helena Sá Chagas, com o curso da Escola normal. Occupa a cadeira de portuguez este anno o erudito philologo Sr. Paula Alves, figura de remarcado destaque no mundo cultural de Pelotas. Assumiu o cargo de Directora interna do Santa Margarida a prendada irman d. Lucinda Pereira de Sá. A nova economista é d. Anna Loges [...]. Continua occupando o cargo de secretaria a estimada irman d. Eleusina Guimarães Granja. Com elementos tão prestimosos, d. Hedy Sergel sente mais leve o peso de suas responsabilidades.[...]”.

É importante observar que após a autorização de funcionamento da Escola Santa Margarida pela Secretaria de Educação do Estado, começam a acontecer mudanças no quadro pessoal do Colégio, como a contratação do professor de Português Francisco Paula Alves da Fonseca, conhecido por sua capacidade intelectual na cidade de Pelotas. Pois a maioria dos professores até o ano de 1938 eram ligados ao Conselho Consultivo da Escola Santa Margarida.

O ano em referência é fecundo para o Colégio Santa Margarida, pois são promovidas importantes ações em sua estrutura escolar. Uma delas foi a realização de uma nova eleição para o Conselho Consultivo da Escola, permanecendo na presidência o Arcediago José Severo da Silva¹⁹, e na secretaria a Senhora Lili Krentel Freléchoux, contando com dois novos membros, o Reverendo Mario B. Weber e a Senhora Zilda Salles Birnfeld.

Duas outras importantes mudanças devem ser percebidas no ano de 1938: a professora americana Elsie O'Connor, membro da Sociedade Real de Professores da Inglaterra, assume a direção interina da Escola, devido ao pedido de afastamento da antiga diretora da escola Hedy Sergel, e também a vinda da Diaconisa americana Berenice M. Cartwright para o cargo de vice-diretora e professora do Ensino Religioso da Escola.

As mudanças não se remetem somente a questões relativas a expansão e mudança do corpo docente: neste mesmo ano é construída uma capela no edifício da escola, onde é preparado o primeiro grupo composto por seis alunas para serem confirmadas no fim do ano como parte do programa final do ano letivo da Escola.

As alunas que formavam o Coral da Escola geralmente apresentavam-se nas celebrações mensais de Eucaristia, realizadas na Igreja do Redentor.

¹⁹ O Reverendo José Severo da Silva foi elevado à condição de Arcediago (representante do Bispo) da Diocese de Pelotas em 1º de maio do ano de 1938, por ação do Bispo William M. M. Thomas e logo em seguida, Capelão da Escola Santa Margarida.

O ensino na Escola Diocesana Santa Margarida no decorrer da década de 1930 era dividido em: Jardim de Infância, que funcionava inclusive ao ar livre, com a participação de crianças de 3 a 6 anos; Curso Elementar, que correspondia a quatro anos; Curso de Admissão ao ginásio, Curso Ginásial dividido em 5 anos; além do Curso Normal ou Profissional, de duração de dois anos, que se destinaria ao preparo de professoras, secretárias, auxiliares de comércio e enfermeiras.²⁰

É importante observar que os dados encontrados nas propagandas institucionais da década de 1930 sobre a Escola Diocesana Santa Margarida, referem-se ao Curso Normal ou Profissional, mas a autorização para o funcionamento deste curso será conseguida somente no início da década de 1960.

Nos primeiros 5 anos de funcionamento da Escola, além de toda a estrutura curricular do Colégio Santa Margarida, a escola oferecia a suas alunas: coral de instrução musical de meninas para atuarem na Igreja; ensino de Línguas Modernas (Inglês, Francês, Alemão) nas aulas do curso ginásial e a presença da ginástica corporal nos cursos extra classe.

O incentivo à prática do civismo e do patriotismo estava presente tanto no currículo escolar como nas atividades extra-classe, e fazia parte de todo um aparato simbólico que a escola promovia. Um exemplo disso, foi a criação do grupo de Bandeirantes Condor²¹ para meninas e a participação nos festejos e desfiles da Semana da Pátria. Sobre a participação da Escola Santa Margarida nos festejos da Semana da Pátria, encontramos a seguinte nota no jornal Estandarte Cristão de 30 de agosto de 1938:

“[...] Tomará parte activa nos festejos da Semana da Patria, nesta cidade, o Collegio Santa Margarida, [...] Diariamente, durante a semana em apreço, será içada a bandeira brasileira na fachada do edificio, ao som do Hymno Nacional, cantado por todas as alunas, em formatura. Dia 5 e 6 às 9 horas, serão effectuadas solennidades civicas, no Salão Nobre do Collegio. Como oradores das cerimoniaes falarão, respectivamente o veneravel arcediogo José Severo da Silva e o coronel Januário Coelho da Costa²².”

²⁰ Dados retirados dos panfletos institucionais da Escola Santa Margarida da década de 1930.

²¹ Panfleto informativo da Escola da década de 40.

²² O Coronel Januário Coelho da Costa, era gaúcho nascido na cidade de Dom Pedrito, poeta, jornalista, participante e membro ativo da Milícia Cristã Anglicana. Juntamente com o Reverendo José Severo da Silva, defendia a incorporação do discurso nacionalista e cívico nas escolas, uma prática bastante comum na década de 1930 no Brasil em consequência das mudanças ocorridas com o advento da Era Vargas.

Entende-se, a partir da análise desta nota, que o culto aos símbolos pátrios era de extrema importância para incentivar o patriotismo e o civismo das alunas do Colégio Santa Margarida. A prática de esportes servia de base para o desenvolvimento físico das alunas “margaridenses”, pois proporcionava a formação de uma futura geração forte e sadia que amaria a cultura nacional.²³

Contudo, o ano de 1939 caracterizou-se como um marco divisório na história da Escola Diocesana Santa Margarida por dois motivos: o primeiro deles foi a adequação da Escola ao decreto de nacionalização do ensino, quando o Bispo William M. M. Thomas convida a Prof^a Cândida da Rocha de Leão para assumir a direção geral da escola, contando com o apoio da Conselheira Técnica Berenice Cartwright, professora de Ensino Religioso da Escola e Diaconisa da Igreja Episcopal Anglicana.²⁴

O segundo motivo de grande mudança no Colégio Santa Margarida foi o falecimento do Arcediago José Severo da Silva, em 21 de dezembro de 1939, idealizador da Escola e Reverendo da igreja anglicana pelotense. Percebe-se que a sua ausência na “direção” da Escola Santa Margarida causou um certo desequilíbrio na condução da mesma e tal fato pode ser constatado nas Atas do 42º e 43º Concílio da Igreja Episcopal Anglicana, quando a Escola não envia relatório de suas finanças e nem de suas atividades escolares sobre o ano letivo de 1939 e 1940.²⁵

A partir do ano de 1940, as propagandas da Escola veiculadas nos jornais da cidade, mencionam a escola como Ginásio Santa Margarida (Escola Diocesana da Igreja Episcopal Brasileira), que tinha por finalidade proporcionar os melhores meios para o desenvolvimento das faculdades humanas sob a influência cristã.

Dentro desse conceito, a escola pretendia educar e instruir, inspirando-se nos princípios cristãos da doutrina anglicana, pois as alunas “margaridenses” deveriam praticar em sua vida cotidiana, os altos ideais da moral e da fé cristã. Além disso, a Escola Diocesana Santa Margarida pretendia dar às alunas oportunidades de desenvolver suas melhores aptidões intelectuais.

²³ Panfleto informativo da Escola da década de 40.

²⁴ Jornal Estandarte Cristão de 15 de março de 1939.

²⁵ Nota-se que a figura do Reverendo José Severo da Silva esteve presente de alguma forma em todos os momentos da história e até mesmo os que antecederam a construção da Escola Santa Margarida, desde a defesa dos interesses da liberdade de consciência, na compra dos terrenos, na intenção da construção de uma escola feminina, na presidência do Conselho Consultivo da Escola e na elaboração das diretrizes do Santa Margarida. Não é objetivo deste artigo relatar a importância da figura do Reverendo José Severo da

Um panfleto informativo escolar do final da década de 1930 relata o objetivo da escola no que tange à sua proposta para a Educação Doméstica:

“Seguindo a norma dos melhores ginásios de meninas, no país e no estrangeiro, o Santa Margarida não descuidava o preparo de suas alunas e procura fazer de cada uma delas uma boa dona de casa. O programa do Ginásio Santa Margarida, além de oficial, abrange aulas de arte culinária, bordados, [...]”.

Portanto, o que se pretendia em relação às prendas domésticas para as alunas, era o conjunto de habilidades e saberes que as “moças de família” deveriam dominar, tais como saber receber visitas, sentar-se à mesa, manusear agulhas e pincéis, tocar um instrumento musical (piano, de preferência), dentre outras qualidades que compunham o objetivo central da educação feminina.

Além dessas “qualidades” oferecidas pelo Ginásio, o ensino apresentado pela Escola ainda possuía aulas de música (canto orfeônico), que era o complemento da educação de uma boa moça, além de proporcionar a capacidade para as letras e o drama, tendo como preceito a representação periódica de peças teatrais.

Considerações Finais

Obviamente este artigo não pretende esgotar as múltiplas leituras que ainda podem ser levantadas sobre os documentos que narram algumas peculiaridades da Escola Diocesana Santa Margarida na cidade de Pelotas no transcorrer da década 1930.

Entretanto percebe-se, claramente que existe uma série de intenções bem definidas entre os discursos pedagógicos-modernos e os discursos religiosos-cristãos na educação das alunas da Escola Diocesana Santa Margarida.

Os dirigentes anglicanos na organização do modelo educacional do Colégio, a partir da década de 1930, prescreveram as “virtudes” estudantis necessárias para as alunas margaridenses em seus discursos de divulgação da escola.

Em suma, a intencionalidade na construção de uma escola anglicana para meninas internas na cidade de Pelotas, era formá-las dentro dos padrões morais, religiosos e cristãos estabelecidos pela Igreja Episcopal Anglicana do Brasil na época e dosados por algumas vezes com características da pedagogia moderna. É importante ressaltar que a

Silva, mas se faz necessário destacá-lo como figura importante dentro do projeto e da história da Escola

sociedade nesse momento atribuía à educação um papel fundamental, no sentido de que a escola era co-responsável pela “boa formação” das moças.

Observa-se no jornal Estandarte Cristão de 30 de março de 1938, que esta intencionalidade está presente no discurso de duas alunas “margaridenses” em face da reabertura das aulas no ano letivo do mesmo ano:

“[...] Fás-nos emfim novamente unidas no mesmo recinto onde recebíamos antes o pão sagrado do saber. [...] Collegas! Cooperae para o vosso desenvolvimento intelectual, que também alegria a nossos amados Paes! Termino, desejando que este anno seja para todas igual ou melhor que o passado e que ao fim da jornada possamos alegres e felizes colher as rosas da victoria cujos espinhos tanto nos sangraram.” (Alayde Lagos)

“[...] É sempre com grande regosijo que regressamos a esta casa modelar de ensino, para reencantar a nossa edificação intellectual e espiritual. [...] Façamos o possivel para que este anno lectivo não desmereça das tradições já honrosas do nosso Collegio; trabalhemos todas com afinco para que ao finar este novo periodo de estudos possamos gualhardamente sahir victoriosas, compensando assim a dedicação e o esforço de nossas mestras e os sacrificios de nossos amados paes.” (Glaucia Castro)²⁶

Afirma-se que a criação do Colégio Santa Margarida foi a possibilidade de os dirigentes anglicanos edificarem a sua obra religiosa na cidade de Pelotas, misturando por vezes discursos pedagógicos e discursos religiosos-cristãos na organização de sua estrutura educacional.

Conclui-se, então, que o papel da educação feminina na Escola Diocesana Santa Margarida ao final de sua “formação” escolar, era preparar moças que ao mesmo tempo que estivessem prontas para a vida pública soubessem distinguir às virtudes morais, religiosas, domésticas e cristãs de uma “boa moça”, isto é, que no momento de sua saída da Escola pudessem conciliar as virtudes de Martha com as virtudes Maria de Betânia, num misto conjugamento do caráter sagrado e profano da alma humana.

Diocesana Santa Margarida de Pelotas.

²⁶ As duas alunas citadas acima foram as duas primeiras formadas do regime de externato da escola no ano de 1939. Sendo que a aluna Alaíde Lagos casou-se mais tarde com o reverendo anglicano Antônio Guedes, que seria pároco da Igreja do Crucificado na cidade de Bagé, sendo alguns mais tarde professora deste

Referências

AMARAL, Giana Lange. **O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da história educação em Pelotas**. Pelotas: Seiva Publicações/Ed. Universitária – UFPel, 1999.

AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**. Tomo III. 5º ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976.

BICA, Alessandro C., TAMBARA, Elomar C.. O comitê Pró-Liberdade de Consciência e o Ensino Religioso em Pelotas na perspectiva do Jornal Estandarte Cristão (1925-1935).In: **Anais do X encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação** – História da Cultura Escolar: escritas e memórias ordinárias. Pelotas: Seiva: ASPHE, 2004.

BURKE, Peter. **História e teoria social**, São Paulo: Editora UNESP, 2002.

IGLÉSIAS, Francisco. **Trajetória política do Brasil: 1500-1964**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

JUNIOR, Décio G. & OLIVEIRA, Lúcia Helena M. M.. História das instituições educativas: um novo olhar historiográfico. In: **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia. v. 1., nº 1, jan/dez 2002.

KICKHÖFEL, Oswaldo. **Notas para História da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil**. Porto Alegre: Editora Gráfica Metrópole S.A., 1995.

KRISCHKE, Egmont M.. **A Estrutura da Fé**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Gráfica Metrópole, 1959.

_____. **A Igreja Episcopal no país do futuro**. Porto Alegre: Publicadora Ecclesia, 1960.

KRISCHKE, George U.. **História da Igreja Episcopal Brasileira**. Rio de Janeiro: Academia sul-riograndense de Letras, 1949.

TAMBARA, Elomar A. C.. **Positivismo e Educação: A educação no Rio Grande do Sul sob o Castilhismo**. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 1995.

_____. **Introdução à História da Educação no Rio Grande do Sul**. Pelotas: Ed. Universitária/Seiva, 2000.

estabelecimento de ensino, além escrever pequenas cartas para o periódico da Escola “O Margaridense”, fundado na década de 1940.

WERLE, Flavia O. C. et al. Colégios femininos: identidade, história institucional e gênero. **Revista da Educação PUC-Campinas**, Campinas, nº10, junho 2001.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado, RIBEIRO, Maria Luisa Santos, NORONHA, Olinda Maria (orgs.). **História da Educação: A escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994. (Coleção Aprender & Ensinar).

Atas

Atas do 33º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, realizado na Igreja do Redemptor na cidade de Pelotas de 1931.

Atas do 34º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, realizado na Igreja do Redemptor na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 20 a 24 de julho de 1932.

Atas do 35º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, realizado na Igreja da Trindade na cidade de Porto Alegre entre os dias 08 a 13 de fevereiro de 1933.

Atas do 36º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, realizado na Igreja do Salvador na cidade do Rio Grande entre os dias 14 a 18 de abril de 1934.

Atas do 37º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, realizado na Igreja da Ascensão na cidade de Porto Alegre entre os dias 13 a 17 de fevereiro de 1935.

Atas do 38º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, realizado na Igreja do Redemptor na cidade de Pelotas entre os dias 12 a 16 de fevereiro de 1936.

Atas do 39º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, realizado na Igreja do Crucificado na cidade de Bagé entre os dias 10 a 14 de fevereiro na Igreja da Ascensão na cidade de Porto Alegre entre os dias 28 e 29 de abril de 1937.

Atas do 40º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, realizado na Igreja da Trindade na cidade de Porto Alegre entre os dias 27 de abril a 1º de maio de 1938.

Atas do 41º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, realizado na Igreja do Redemptor na cidade de Pelotas entre os dias 1º a 5 de março de 1939.

Atas do 42º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, realizado na Igreja da Trindade na cidade de Porto Alegre entre os dias 16 a 22 de abril de 1940.

Atas do 43º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, realizado na Igreja da Trindade na cidade de São Paulo entre os dias 12 a 16 de abril de 1941.

Atas do 44º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, realizado na Igreja do Redentor na cidade de Pelotas entre os dias 25 de fevereiro a 1º março de 1942.

Atas do 45º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, realizado na Igreja do Mediador na cidade de Santa Maria entre os dias 19 a 23 de fevereiro de 1943

Jornais

Jornal Estandarte Cristão: Anos de 1932 a 1940